

A INDISCIPLINA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ENTENDIMENTO REFLEXIVO DO PROBLEMA

Autor: Davison Jansen Marques Batista
Co-autor (1) Cássia de Sousa Silva Nunes; Co-autor (2) Naedja Maria Assis Lucena de Moraes; Co-autor (3) Sílvio César Lopes da Silva

FAR-Faculdade Anchieta do Recife – davison.jansen93@gmail.com; FAR-Faculdade Anchieta do Recife cassia_cia@hotmail.com; FAR-Faculdade Anchieta do Recife- naedjaalm@gmail.com; UFRN- PPGEDBolsista CAPES – sclop3@yahoo.es

RESUMO

O presente artigo surge de uma reflexão acerca do tema indisciplina na sala de aula. Ao longo de nossa atuação e das observações que fomos fazendo nesses últimos anos, temos constado o aumento nos casos, bem como o relato de professores sobre suas salas de aula e a indisciplina como um problema constante. Tais observações instigaram-nos revisar a autores e textos, buscando entender o assunto, ao passo que refletir sobre suas causas, manifestações e ações no cotidiano da escola e da sala de aula. Constata-se neste, que por mais que o professor atente a essa questão, ele sozinho não dará conta de um problema complexo e singular, que se manifesta nas diversas formas, desde a ausência da educação no seio familiar, ao excesso da mesma. Nesse ínterim, a participação e envolvimento da família é de suma importância, pois como parceira da escola ele se torna co participante do processo ensino aprendizagem do aluno. Desta forma, a partir das reflexões aqui apresentadas, nosso propósito é trazer mais uma contribuição sobre o tema e ampliar ainda mais a forma de lidar com o mesmo. Assim, baseado em um estudo bibliográfico, destacaremos algumas sugestões ao longo do texto que contribuirão significativamente a prática do professor.

Palavras- chave: Indisciplina, professor, aluno, família.

INTRODUÇÃO

A indisciplina¹ escolar tem sido pauta de inúmeros debates entre os professores e os estudiosos da temática, tendo em vista que a mesma se apresenta nos diversos níveis da educação – da básica ao superior. Porém, é na educação básica que a mesma se acentua, uma vez que muitas questões estão atreladas a esta, desde a ausência dos pais, no

¹ Taille (1996), dá uma dica interessante sobre como entender a indisciplina, ao afirmar-nos que: a indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente as falhas psicopedagógicas dos alunos, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa. Dessa forma, resta à escola uma solução: lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, por ser cidadão é necessário um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais. IN: AQUINO, J.G (Orgs). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** – São Paulo: Summus, 1996.

acompanhamento da vida escolar dos seus filhos, ao modelo de escola vigente, que responde as necessidades da sociedade contemporânea, mas esquece dos anseios dos alunos. Este é um dos problemas mais preocupantes que os professores enfrentam hoje, e que há muito tempo busca soluções. Muitos são os fatores que levam os alunos a se comportarem de maneira inadequada e insatisfatória, trazendo graves prejuízos para o seu processo cognitivo para todos os que fazem a comunidade escolar.

O interesse pela temática surge a partir de nosso contato com a realidade da sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental a partir do momento em que observamos os desdobramentos dos professores entre o conteúdo, a (in) disciplina e o processo ensino aprendizagem do aluno. Tais questões dificultam o desenvolvimento das atividades propostas. Daí, sentimos a necessidade de entender melhor esse processo, refletindo sobre o mesmo a luz daquilo que os autores sinalizam.

É preciso destacar que a indisciplina não é algo normal ou inerente à sala de aula, uma vez que ela surge a partir de diversos fatores como o modelo de escola, a desmotivação do aluno, a ausência da família no acompanhamento do desempenho escolar dos filhos, a falta de recursos didáticos e infra-estrutura da escola, além da formação dos professores. Tais questões desembocam nas práticas desenvolvidas e nas ações tomadas ao longo do processo, com o intuito de sanar o problema.

É preciso destacar que as razões pelas quais a indisciplina ocorre estão direta ou indiretamente distribuídas igualmente à escola, os familiares, a ausência de limites, as desigualdades sociais, o aluno o professor. (Alves, 2006, p.17)

Assim, ao longo deste estudo, a partir de um levantamento bibliográfico, destacam-se alguns autores tais como, Aquino (1996), Vasconcelos (2003), Tiba (2005), Queiroz (2010) dentre outros. Cabe ressaltar que enquanto fenômeno, a indisciplina pode ser observada a partir de diferentes contextos e aportes teóricos. O estudo aqui sinalizado, revela-nos que a temática indisciplina nunca se esgota, uma vez que de acordo com os tempos, a mesma se renova e revela novos desafios para os educadores.

A abordagem metodológica

Nossa pesquisa foi feita a partir do levantamento bibliográfico dos estudos e autores que abordam a temática, para tanto, mesmo sendo um tema atual e presente em debates nos encontros e congressos educacionais em nosso país, faz-se necessário um recorte, bem como uma seleção dos estudos desenvolvidos.

Concordamos com Bogdan e Biklen (1994, p.88) quando estes afirmam que “Uma investigação pode contribuir para tirar conclusão, que sejam de crucial importância para a educação ou para a sociedade, em geral” ou seja, temos consciência que nosso trabalho tende a contribuir para possíveis reflexões acerca da temática, somando-se as existentes.

A partir de um olhar para a temática proposta bem como tendo base nossa experiência e prática em sala de aula, pensamos em revisar a literatura para aprofundarmos ainda mais o debate acerca da indisciplina na sala de aula e a dicotomia da participação e ausência dos pais no acompanhamento do processo ensino aprendizagem dos filhos. Para tanto, nossa pesquisa é de cunho qualitativo, tendo em vista que faremos um estudo bibliográfico.

O envolvimento com a realidade, quer seja empírica ou teórica, ajudam a esboçar explicações sobre o contexto ou assunto, bem como esclarecer questões, organizar os dados além de apontar saídas que refletem ao entendimento dos mesmos (MINAYO, 2001, p.19).

Assim, como afirmam Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica está automaticamente ligada a escolha do assunto, uma vez que este origina-se das experiências pessoais e profissionais, dos estudos e envolvimento que o pesquisador tem com o tema a ser pesquisado. É partindo deste pressuposto que optamos por essa abordagem metodológica.

Um olhar sobre o tema

O tema indisciplina tem despertado o interesse nos profissionais da educação, uma vez que a indisciplina vem ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano escolar, comprometendo a qualidade do ensino, interferindo nas relações professor-aluno, aluno-escola e, por conseguinte no rendimento do mesmo. Vários são os fatores que causam a indisciplina na escola, tais como: a falta de limite dos pais, a postura tradicional da escola, a metodologia inadequada a realidade e ao contexto do aluno, a repetência, o fracasso escolar, dentre outros.

Sob essa questão Vasconcelos (2009) ressalta alguns pontos que convergem a indisciplina, afirmando que:

[...] o aluno (seu desinteresse, sendo comum a hipótese de isso ser decorrência da tecnologia a que tem acesso fora da escola); os meios de comunicação (a sua influência negativa: violência, contra valores); a família (desestruturação, omissão, não cumprindo seu papel e transferindo responsabilidades); a escola (falta de apoio ao professor); o sistema de ensino (não dá condições de trabalho); a sociedade (sua desorganização, desemprego, crise de valores); e, depois de certo tempo chega-se a colocar em questão a própria relação pedagógica. Consideramos, no entanto, que a

ênfase dada aos vários aspectos não é a mesma (a incidência de queixas sobre a família, por exemplo, é muito forte). [...]. (VASCONCELOS, 2009, p.59)

Com a violência, reflexo de uma sociedade sem limites e sem controle, seu respingo recai a escola, aumentando consideravelmente a indisciplina e tornando-se uma ameaça ao fazer pedagógico do professor. O ambiente escolar está cada dia mais inseguro, se observa todos os dias, na mídia situações de violência nas escolas. Educar nessas condições, torna-se um verdadeiro desafio para os atores desse processo, merecendo que se façam constantes reflexões e busquem soluções que amenizem estes problemas. Sobre isso, Queiroz (2010, p.6) afirma: “apesar dos esforços, os educadores, muitas vezes sem o devido apoio dos pais, tornam-se completamente impotentes nas várias faces e artimanhas dos conflitos e ambiguidades existentes no cotidiano escolar”. Daí a necessidade do envolvimento da família nesse meio.

O ambiente familiar favorece quando os pais são presentes e participam ativamente da vida escolar dos filhos, porém, os prejudica quando a ausência é constante, refletindo diretamente na conduta dos filhos, e muitos deles se tornam violentos, agressivos, decorrência dessas ausências. Em relação a essa questão e pensando sobre a influência das tecnologias no processo cognitivo dos alunos, Queiroz (2010, p.31) assinala que “(...) o cérebro das crianças e jovens atuais sofre de fuga de ideias, elas tem ‘pensamentos muito rápidos’, pois seu cérebro foi e é estimulado o tempo todo pela TV, pelo cinema, computador, internet e jogos eletrônicos”. Atentar a essas questões, é dar-se conta da influência das tecnologias ao mesmo tempo do papel que essa exerce no cotidiano de crianças e adolescentes.

Assim ao observar o cotidiano escolar, destacam-se as diversas reclamações por parte dos professores e equipe de apoio em relação aos alunos, tais como: a desordem, brigas, falta de limites, maus comportamentos, desrespeitos, violência física e emocional, tornam-se uma constante e dificulta a execução da disciplina e a condução das atividades propostas. Segundo Tiba (1996, p.152) “A violência é uma semente colocada na criança pela própria família, que, encontrando terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola”.

Dessa forma percebe-se que atualmente a maioria das famílias não atentam para a educação de seus filhos, esquecem de ensinar aos mesmos os valores humanos, necessários a convivência em sociedade. Essas crianças levam para a escola, aquilo que aprendem em casa, e ao chegarem nesta com sua educação familiar ou falta da mesma, os professores sozinhos não são capazes de dar conta daquilo que fora enraizados pelo tempo. Como são tratados os limites e a indisciplina na família? Que valores essas crianças

aprendem em suas casas? E na escola como é tratada a questão da indisciplina, as regras de conduta e os valores humanos? Tudo isso, deve ser bem analisado, para que no futuro os ambientes na escola se torne mais calorosos, harmoniosos, além de atraente e convidativo, e que ofereça uma boa aprendizagem a todos os alunos, porque, do contrário, os alunos entrarão para as estatísticas do fracasso escolar e da violência na escola.

O professor, a sala de aula e a indisciplina: contextualizando o tema

Há muito a indisciplina deixou de ser um assunto esporádico e particular no cotidiano escolar para se tornar um dos maiores obstáculos pedagógicos no dia a dia do professor e da sala de aula. São vários os fatores que apontam para uma possível crise nas salas de aula, professores desmotivados, alunos desinteressados e sem estímulos, ensino deficitário e lacunado, violência física e psicológica, que somam a outros e caracterizam o modelo de escola e educação vigentes. Esses são fatores que interligados entre si, vem aumentando a cada ano. Alternativas lançadas para minimizar tal situação são postas em prática, as quais objetivam a redução deste, para tanto é necessário o envolvimento de todos, da comunidade escolar a sociedade.

À medida que a indisciplina aumenta nas escolas, surge juntamente a ela uma grande preocupação em lidar com as tensões e conflitos gerados por diversos fatores como fora de padrões ditos normais. De acordo com Dobson (2006, p.49): “É preciso ensinar às crianças quais os comportamentos são aceitáveis e quais são inaceitáveis (...)”. Entende-se o aceitável e o inaceitável aqui, como o adequado, uma vez que o sujeito aprende a adequar-se as mais diversas situações e contextos.

Dessa forma, a indisciplina seria talvez o inimigo número um do educador, pois não é surpresa que os professores já não sabiam mais o que fazer com a indisciplina dos seus alunos, nem tão pouco como lidar com esse grave problema que vem aumentando a cada dia na sala de aula. É necessário que a relação professor e aluno sejam de confiança, reciprocidade, respeito e que exista um diálogo permanente e aberto entre ambos, para que não haja motivos para atos indisciplinados e estes levem a agressões físicas e verbais. Daí a necessidade de se ter uma atuação mais próxima e afetiva, pois quando isso não acontecesse, a atuação docente torna-se inadequada para o ambiente e por conseguinte, o próprio professor torna-se causa da indisciplina (VICHESSI, 2009).

Portanto, as relações entre aluno-professor, aluno-aluno e aluno-escola devem melhorar com atitudes positivas por parte dos profissionais da

escola envolvidos neste processo, pois se não houver respeito entre ambas às partes a situação se tornará tensa e com isso, a qualidade de ensino e a aprendizagem será comprometida. Queiroz (2010, p.9) afirma que “atualmente, sem que notássemos, o ato de educar se tornou uma tarefa muito árdua para os pais e professores”. E podemos complementar afirmando que, além de árdua a tarefa de educar é árida, uma vez que em meio as diversas dificuldades da sala de aula encontra-se um professor, que na sua prática carrega consigo outros problemas como a péssima condição de trabalho, a baixa remuneração e a escassez de material e recursos didáticos dentre outros.

Os alunos indisciplinados, muitas vezes, não encontram na escola significado para suas vidas, pois seus conteúdos estão desvinculados da sua realidade, causando assim desmotivação pelos conteúdos desenvolvidos na sala de aula, levando-os ao desinteresse e, por conseguinte a problemas de indisciplina. Os conteúdos que se pretendem ensinar na escola, muitas vezes, não estão dentro de realidade e necessidades dos alunos. Daí então, o importante papel do professor como mediador do processo educativo, cabendo ao mesmo, criar em parceria com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo.

Sob essa questão, Vasconcelos (2003) afirma-nos que:

O professor desempenha neste processo o papel de mediador, guia referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento ‘pronto’, sistematizado, outro, bem diferente é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender. (2003, p.58).

Assim encontrando ou não dificuldade no processo, cabe ao professor compreender e respeitar a posição e a maneira de pensar e de ser de seus alunos será sempre lembrado, pois aquilo que ele de fato ensinar o tempo não esquecerá. Apesar do desafio, todo educador deveria ter o dom e o desejo de atuar na sala de aula para ser lembrada não como uma pessoa carrasca ou ditadora, mas sim por ter sido condutor de emoções, trabalhador dos sentimentos e conseqüentemente, formador de pessoas capazes de: refletir sobre a vida e suas escolhas, questionar, estabelecer metas, reconhecer erros, perdoar e contribuir para o desenvolvimento de outras pessoas.

É fundamental que o professor trate seus alunos com estima e respeito, no entanto, para estar em condições de educar, este necessita aderir a uma relação cordial e afetuosa com os alunos, bem como criar um ambiente estimulante, compreensivo e de colaboração, onde prevaleça o amor.

Porém observa-se ainda outro fator que também contribui para a indisciplina escolar é a questão da repetência. Ainda existe um alto índice de reprovação e a causa deste fator é a avaliação² que, de certa forma, continua sendo classificatória, causando assim a retenção, desestimulando o querer aprender. Normatizar as ações, determinar regras para o comportamento das pessoas em seu convívio social e criar condições para garantir que o educando possa adquirir conhecimento, constituem competências da sociedade como um todo e, mais especificamente, da escola e da família, as quais, pelos gestos e bons exemplos, levam os educandos, respeitando ordens, a desenvolver sua liberdade de tomar decisões. Para Parrat-Dayan (2008, p. 58) “[...] fomentar o diálogo, as atitudes de cooperação e a integração de valores pode ser um caminho. [...]” É necessário conhecer as limitações, a vida social e emocional do aluno para daí fazer uma análise avaliativa do seu desempenho e do seu desenvolvimento no decorrer do processo educativo.

Dessa forma, o papel do professor não é transferir conhecimentos, mas sim, criar possibilidades de construção, pois o aluno é ser humano inacabado, ele nunca deve transformar a autoridade em autoritarismo. O aluno precisa de estímulo para desenvolver sua transformação num ambiente de liberdade e o professor precisa refletir sua prática, fazer uma autocrítica. Sem uma definição clara do seu papel, não estará em condições de educar, dado que o aluno capta isso com muita facilidade e explora essa fragilidade. A falta de convicção da proposta do professor gera um acúmulo de dificuldades, podendo chegar a uma confusão generalizada na sala de aula.

Segundo Vasconcelos: (2009)

[...] podemos dizer que, no processo disciplinar, a fim de manter seus vínculos, o sujeito assume determinados limites e explora possibilidades. A nosso ver, a crise da disciplina escolar está associada justamente à crise que estamos vivenciando destes elementos: vínculos, limites e possibilidades. (2009, p.63).

Assim é fundamental, que o aluno receba uma boa orientação na escola, conheça as regras de comportamento, aprenda a respeitar as outras pessoas, pois muitas vezes, o mesmo não recebe essa orientação em casa e por desconhecer as regras e não compartilhar dos valores humanos na família da mesma forma na escola. E o que acontece é que, o professor ao tentar explicitar o que está certo ou errado a ele, o mesmo se revolta, age da mesma forma que

² Sob essa questão os trabalhos de Hoffmann (2008) em seus trabalhos sobre a avaliação, chama a atenção para o fato que esta é uma ação ampla e que abrange todo o cotidiano do fazer pedagógico, ou seja, avaliar aqui, é a ação a partir da compreensão do outro. E compreender o outro é entendê-lo a partir de suas dificuldade e formas de interpretar o mundo.

age em casa, pois não aceita limites e desrespeitam a qualquer pessoa, principalmente os colegas e professor. Para Antunes (2002), “ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina quem constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”. Assim sendo, a escola deve ter bem encaminhada sua proposta disciplinar, e que desde seu primeiro dia de aula, sejam conhecidas e obedecidas as suas regras de comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho sobre indisciplina traçou uma reflexão acerca do tema - indisciplina no contexto escolar. Apesar das limitações, considerou-se proveitosa, uma vez que novas concepções sobre o tema em questão vêm sendo abordadas em pesquisas sinalizando contribuições significativas para o assunto em estudo.

Sabe-se que não existem receitas prontas para erradicar a indisciplina, uma vez que ela pode ser consequência de vários fatores, além do contexto no qual se inserem. Embora seja complexo lidar com tal problemática o professor não pode deixar de lado essa questão e deve buscar alternativas que minimizem a mesma.

A literatura revela o quanto o tema indisciplina é uma constante em todos os níveis educacionais, e isso fica-nos claro com o estudo aqui apresentado. É preciso olhar para o aluno como um sujeito em mutação, e que a falta ou o excesso daquilo que vem sendo dado dentro ou fora dos muros da escola tem refletido diretamente no comportamento dos mesmos. Mais que um foco nas carências, o comprometimento do professor e o compromisso da escola em atentar para tais questões, formaremos um mundo mais justo e uma sociedade mais fraterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C.M.S.D. (In) *Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar*. Ilhéus, BA: Editus, 2006.

ANTUNES, C. **Professor bonzinho: aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas práticas e teóricas. São Paulo: Summus, 1996.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**: fundamentos, métodos e técnicas. Portugal: Porto Editora, 1994.

COSTA, A ... [et al.] **Fundação para o Desenvolvimento da Educação**. Diretoria de Projetos Especiais. Escola da Família. - São Paulo: FDE, 2004.

DOBSON, J. **Educando crianças geniosas** / James Dobson: traduzido por Suzana Klassen, - São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**.- 5ª. Ed.- São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PARRAT- DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

POLI, C. **Filhos autônomos, filhos felizes**. 16. ed. São Paulo: Gente, 2006.

QUEIROZ, T. D. **Educar, uma lição de amor: como criar filhos em um mundo sem valores** / Tania D. Queiroz. São Paulo: Editora gente, 2010.

TAILLE, Y. L. **A indisciplina e o sentido da vergonha**. In: AQUINO, J. G. Indisciplina na escola: alternativas práticas e teóricas. São Paulo: Summus, 1996.

TIBA, I. **Adolescentes: quem ama, educa**. 31. ed. São Paulo: Integrare, 2005.

_____, **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996 – 1ª ed.

VICHESSI, B. O que é indisciplina? **In Revista Nova Escola**. São Paulo, n.226, p.79, out. 2009

VASCOCELOS, C. S. **Para onde vai o professor?: resgate do professor como sujeito de transformação**. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2003.

_____, **Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente**. São Paulo: Cortez, 2009.